

NORMAS DE GÉNERO E REPRESENTAÇÃO DE IDENTIDADE NACIONAL: UMA ANÁLISE DE DADOS EXPLORATÓRIA¹

Rita Himmel²

Maria Manuel Baptista³

| 537

RESUMO

Como o paradigma dos Estudos Culturais tem continuamente proposto demonstrado, as identidades e suas representações são construídas na interseção de múltiplos referentes de identificação, entre o pessoal e o social. A história, a classe social, raça, nacionalidade, todos estes fatores desempenham um papel na existência pessoal e social. Quando exploramos a forma como as identidades nacionais são representadas, considerando a forma como diferentes nódulos de identificação têm importância, o género é expectavelmente um deles. O objetivo deste artigo é explorar como um grupo de participantes estrategicamente selecionados, imigrantes portugueses na Alemanha, representam a própria identidade nacional assim como a do outro (Alemão) em relação à sua identidade de género. Os dados exploratórios dos inquéritos aplicados indicam que as normas de género binárias parecem moldar as representações de identidade nacional dos participantes, quer dos próprios e do seu país de origem, quer do outro, do seu país anfitrião.

PALAVRAS-CHAVE

Identidade nacional; Género; Europa; Representação; Estudos Culturais.

Representação e Identidade

No atual contexto académico, social, político e mesmo económico global, as questões de identidade desempenham um papel central de forma sem precedentes. O crescimento e intensificação das ligações à escala global são vistos como origem de uma crise de identidade, parte de uma desestabilização geral dos referentes sociais. Teoricamente, socialmente e mesmo pessoalmente, a identidade ultrapassou a sua definição original, como baseada em algo essencialista, e é agora vista como uma construção instável e nunca completada (Hall, 1996, Bauman, 2000). Na construção da identidade, utilizamos recursos tais como a história, a língua, a cultura, num processo de “tornar-se” mais do que de “ser” (Hall, 1996, p.4). Construímos uma narrativa que está num constante processo de transformação e rearticulação e, como tal, nunca é estável.

Um dos contributos mais inovadores para o questionamento da identidade foi feito por Judith Butler (2004, 2009), através do conceito de performatividade. O conceito de performatividade de Butler, focado na identidade de género, é baseado na ideia de que o discurso tem o poder de produzir a identidade de uma pessoa. Este discurso é altamente regulado por normas sociais que restringem as possibilidades de identificação, como é o caso com as normas de género. Assim sendo, a identidade de uma pessoa é um processo de autocons-

¹ Trabalho apresentado no V Congresso Internacional em Estudos Culturais: Género, Direitos Humanos e Ativismos.

² Doutoranda em Estudos Culturais, Universidades de Aveiro e do Minho. E-mail: rita.himmel@ua.pt.

³ Professora do Programa Doutoral em Estudos Culturais, Universidades de Aveiro e do Minho, email: mbaptista@ua.pt.

trução, mas restringido por normas sociais. O género, como eixo de articulação da identidade, não é fixo, nem biológica nem socialmente, é uma performance (Butler, 2004).

Poder é outro conceito-chave quando se trata de questões de identidade, tal como o conhecimento crescente produzido no contexto dos Estudos Culturais tem demonstrado continuamente. Na área de Estudos Culturais, a cultura, e a identidade, são vistas como operando em vários, e, não raras vezes, sobrepostos, níveis, de nações a raça, género ou classe (Frow & Morris, 2006). De forma a compreender as dinâmicas de representação que ocorrem dentro de e entre grupos e indivíduos, é absolutamente crucial que se tenha atenção a estas questões relacionadas com o poder, e é expetável que as mesmas estejam presentes nos discursos sobre identidade, no que Foucault designa de regime discursivo, (Foucault & Rabinow, 1984, p. 55).

Consequentemente, uma das dinâmicas previsíveis e um dos assuntos que se encontram de forma mais proeminente no cerne da questão da identidade é o género (Butler, 2004, 2009). Tal como defendido por Hall (1996, p. 15), quando se trata de identidade, a diferença sexual tem uma função paradigmática em relação a outros eixos de exclusão. Assim, o género é o foco deste artigo, que tem como objetivo contribuir para o corpo de conhecimento que procura explorar até que ponto, de acordo com que dinâmicas e de que normas, as experiências de auto- e hétero-representação de identidades nacionais são moldadas, alteradas e influenciadas pela identidade de género dos respondentes.

Identities Nacionais e Europeias

Este artigo foca-se no ponto de interseção entre duas identidades nacionais: Alemã e Portuguesa – dentro do contexto da identidade europeia. Como tal, foca-se em imigrantes portugueses residentes na Alemanha de forma a explorar auto- e hétero-representações de identidade nacional neste ponto de interseção específico.

O contexto europeu é estratégico para explorar o conceito de identidades nacionais. O importante papel desempenhado pela hegemonia do Estado-Nação na construção de discursos e práticas que dão forma a comunidades nacionais imaginadas na Europa coexistiu com, ou foi posto em causa por, uma ideia de “europeísmo”. Momentos de crise, como a recente crise económico-financeira global, têm um impacto profundo nesta ideia de europeísmo. Com alguns países (do Sul) do lado dos incumpridores, e outros (do Norte) como os credores, o potencial para a construção de uma divisão identitária discursiva entre países da Europa do Norte e do Sul, em geral, e Portugal e Alemanha, em particular, é expectável (Chalániová, 2014, Macmillan, 2014).

A posição do migrante é a mais frutífera em termos de construção, desconstrução e questionamento de representações acerca de identidades nacionais. As identidades, especialmente coletivas, estão crescentemente desterritorializadas, e os migrantes vivem esta situação da forma mais intensa (Gupta & Ferguson, 1992). Para além disso, a relação do migrante com a identidade nacional tende a refletir processos de essencialismo estratégico (Frow & Morris, 2006), quando se trata do contexto no qual os referentes identitários são criados.

Feminidade e Masculinidade Enquanto Performances

A dicotomia entre feminidade e masculinidade é uma representação binária da identidade de género que é esmagadoramente aceite no contexto normativo atual, mesmo com o questionamento por parte de vários teóricos desta visão dual, mais proeminentemente por Judith Butler (2004, 2009). A teorização de Butler possibilita a ultrapassagem de um mero binário e a abertura a outras formas de performance de género, que atualmente são muitas vezes retratadas como transgressivas. A aceitação de diferentes performances de género para além deste binário é, de acordo com Butler (2004, 2009) e da perspetiva adotada neste artigo, o único caminho possível para a criação de comunidades de reconhecimento e para a possibilidade de prosperidade de indivíduos e sociedades.

Todavia, apesar de, no meio académico, assim como nos movimentos sociais, ou mesmo a nível individual, a norma do género binário ter sido crescentemente questionada e posta em causa, continua a ser uma referência social extremamente sólida, enraizada nos conceitos (opostos) de masculinidade e feminidade, mesmo se vistos apenas como identificações sociais. De acordo com Stets e Burke, como exposto na *Encyclopedia of Sociology* (2000), os papéis de género (expectativas de comportamento de acordo com o próprio género), estereótipos de género (visões partilhadas de personalidade ligadas a cada género), e atitudes de género (visões associadas a machos ou fêmeas), influenciam a identidade de género, que, por sua vez, envolve todos os significados que são aplicados ao próprio com base na própria identificação de género (2000, p. 2), não biologicamente mas socialmente. Esta ideia pode ser relacionada com o conceito de performatividade de Butler, contudo existe uma diferença extremamente significativa: a limitação imposta por ideia como “ou masculino ou feminino” – a norma do género como binário.

Exemplos dados por Stets e Burke (2000) indicam, seja com base em papéis, estereótipos ou atitudes, que a masculinidade está enraizada no papel do trabalhador, no instrumentalismo e no pensamento em termos de justiça, enquanto a feminidade é geralmente apresentada como doméstica, expressiva e com um pensamento baseado em cuidados (enquanto tomar conta). Os resultados deste artigo sustentam esta dicotomia. Os resultados indicam que os respondentes que se identificam como femininos têm uma maior ênfase em conceitos relacionados com relações afetivas e positividade, enquanto os respondentes masculinos têm um maior grau de negatividade e ênfase em fatores político-económicos, i.e. instrumentais. Estes resultados estão de acordo com a descrição das normas sociais prevalentes relativamente aos papéis, estereótipos e atitudes de género binários.

Imigrantes Portugueses na Alemanha

Com base numa recolha de dados exploratória, através de inquéritos aplicados a imigrantes portugueses na Alemanha, foi possível identificar uma tendência principal que serve de ponto de partida para explorações futuras deste tema: que as pessoas que se identificam como do género feminino ou masculino tendem a reproduzir performances normativas do género feminino enquanto afetivo e positivo e do género masculino como instrumentalista e negativo. Apesar de estas performances de género deverem ser encaradas enquanto tal – performances, com a possibilidade de serem transgredidas e ultrapassadas – quando explo-

ramos questões de identidade nacional, os resultados apontam para a importância de ter em conta como as normas de género podem influenciar processos de representação tanto dos próprios como do “outro”.

Para poder explorar questões de identificação e género, foi criado um inquérito online, aplicado através de seleção estratégica e do método bola-de-neve, ao contactar alguns respondentes conhecidos que encaixam no perfil em causa e, através dos mesmos, ganhar acesso a outros respondentes com as mesmas características. Outra forma de utilizar este método foi através da partilha do inquérito em grupos de redes sociais virtuais com elevado número de membros que se encaixassem no perfil, incluindo os grupos de Facebook “Portugueses na Alemanha”, “Portugueses em Berlim” e “Portugueses em Köln”.

O inquérito também foi aplicado a alemães residentes em Portugal e pessoas com contacto substancial com ambas as culturas (tais como pessoas com as duas nacionalidades e/ou que estudaram em escolas alemãs, antigos emigrantes etc.). Para o propósito deste estudo exploratório, foi feito um recorte, considerando apenas as respostas de imigrantes portugueses na Alemanha. O objetivo deste inquérito não é o de produzir dados estatísticos quantitativos, mas de analisar os dados recolhidos de forma qualitativa, uma vez que esta investigação é feita com base na ideia, não apenas que o modelo positivista não é aplicável ao mundo social, mas que o mesmo pode mesmo destruir a essência da realidade social, uma vez que tende a ignorar a liberdade e individualidade da experiência humana (Goldenberg, 1999, p. 18).

Todos os respondentes se identificaram como do género masculino (cis) ou feminino (cis), mesmo havendo outras opções disponíveis (agénero, não binário, trans, outro). Uma vez que foi utilizado o método bola-de-neve e o inquérito em causa estava disponível publicamente online, não foi possível atingir um rácio de 1:1 de respondentes femininas e masculinos. Após uma filtragem inicial, devido a respostas com falhas, e uma seleção de apenas aqueles imigrantes que residiam na Alemanha há pelo menos 10 meses (assim evitando experiências de curto prazo e/ou temporárias), o rácio de respondentes masculinos e femininos foi de 1,56:1. 25 respondentes femininas para 16 masculinos. Todavia, apesar de possíveis diferenças de género estarem na base desta análise, considerando que o seu propósito não é a procura de significado estatístico mas a identificação e exploração de temas e categorias associados a processos de identificação, isto não é considerado um impedimento à análise. Uma vez que se trata de uma análise de dados exploratória, investigações adicionais beneficiariam de uma exploração caso a caso das respostas, assim como de uma recolha adicional de dados que permitisse um maior aprofundamento, através, por exemplo, de grupos de foco e entrevistas.

As respostas dos participantes que se identificaram como masculinos ou femininos foram analisados separadamente, de forma a explorar potenciais questões de género quando se trata de processos de identificação da identidade nacional. É importante ter em conta que há algumas diferenças sociodemográficas entre respondentes femininas e masculinos⁴. A idade média dos homens (34) é ligeiramente superior à das mulheres (30). Quando se trata do número de meses que cada grupo passou na Alemanha, o número dos homens é maior

⁴ Os termos “homens” e “mulheres” passarão a ser utilizados no resto do texto como sinónimos de respondentes de género masculino e feminino, respetivamente, por razões de fluidez de escrita e estilo linguístico, mas tendo em conta que se trata de identificação de género apenas.

do que o das mulheres: 80,6 (quase 7 anos) comparado com 50,3 (cerca de 4 anos). Quanto ao nível de formação, existe uma maior percentagem de mulheres mais qualificadas do que homens. Respondentes femininas são compostas por 54% de pessoas com educação superior (Licenciatura, Mestrado e Doutoramento) e 46% com educação secundária, enquanto os respondentes masculinos têm principalmente educação secundária (53%), 41% têm educação superior e um respondente (6%) tem o ensino básico.

No segmento principal do inquérito, que foi explorado no âmbito deste artigo, foi pedido a cada respondente que escrevesse três palavras associadas com os seguintes conceitos: Portugal, Portugueses, Alemanha, Alemães, Europa, Europeus. Infelizmente, como o inquérito não tornava a resposta a nenhuma destas questões obrigatória, houve demasiadas respostas em branco nas duas últimas categorias, portanto, o foco deste artigo será nas representações de Portugal/Portugueses (origens) e Alemanha/Alemães (residência). Isto pode ser um dado importante em si mesmo, digno de ser tido em conta em futuras análises de dados: será o facto de os conceitos europeus suscitarem menos associações de palavras um reflexo da fraqueza (Pieterse, 1993) da identidade europeia?

Apesar de haver diferenças sociodemográficas entre participantes femininos e masculinos, considera-se que uma comparação exploratória entre respostas masculinas e femininas é possível e prolífica. Todavia, estudos adicionais deste conjunto de dados ou de outros semelhantes beneficiaria de uma análise diferenciada baseada em outros eventuais referentes identitários, como o nível de formação ou status socioeconómico.

Após feita a listagem de todas as associações de palavras feitas por cada participante, com base nos dados recolhidos, foram criadas categorias de acordo com o tipo de respostas fornecidas. As categorias, e exemplos de palavras incluídas em cada uma das mesmas, são as seguintes:

Emoções: relações afetivas, emoções, sentimentos (família, amigos, conforto, desmotivação, etc.)

Fatores Político-económicos: relacionados com condições de trabalho, economia e clima político (trabalho, riqueza, corrupção, oportunidades)

Clima (Sol, Chuva, Quente, Frio)

Atividades: Comida, Bebida, Futebol, etc.

Atributos e características: adjetivos, caracterizações, características (hospitalidade, honestidade, preguiça, língua, cidades, orgulho, diferente, etc.)

Para além das categorias, as associações de palavras suscetíveis de classificação como positivas ou negativas (atributos, emoções e fatores político-económicos) foram identificadas como positivas (por exemplo, conforto, riqueza, hospitalidade) ou negativas (desmotivação, corrupção, preguiça).

Os Resultados

Portugal

Quando se trata de “Portugal” existem duas grandes diferenças: as respondentes femininas demonstram um maior peso quando se trata de palavras associadas com “Emoções”

do que os masculinos (65% para 40%), e a terceira categoria mais frequente dos respondentes masculinos é “Fatores político-económicos” (15%), que, para as respondentes femininas é inexpressivo (2%). Do lado masculino, as associações de palavras foram agrupadas da seguinte forma: Emoções (40%), Atividades (28%), Fatores Político-Económicos (15%), Atributos e Características (13%) e Clima (4%). Enquanto, do lado feminino, 65% das palavras foram inseridas na categoria “Emoções”, seguidas de Atividades (17%), Clima (12%), Atributos e Características (4%) e Fatores Político-Económicos (2%).

Outro resultado expressivo está relacionado com as categorias negativas. Enquanto as mulheres apenas registaram duas associações de palavras negativas, que correspondem a 3% das respostas, e ambas na categoria Fatores Político-Económicos; os respondentes masculinos registam 11 associações de palavras negativas (23%), incluindo uma emoção negativa, 6 fatores político-económicos negativos e 4 atributos negativos. Isto é uma diferença muito significativa, que aponta para a forma distinta como participantes masculinos e femininos representam o seu país de origem.

Portugueses

Relativamente a “Portugueses” a ordem de categorias é a mesma nos participantes femininos e masculinos, com uma diferença no peso de cada categoria, especialmente, uma vez mais, no caso dos Fatores Político-Económicos, que tem mais do dobro da frequência nos participantes masculinos (11%) do que femininos (4%). A ordem e respetivo peso são: Atributos e Características (63% nas respostas femininas, 55% nas masculinas); Emoções (30% para mulheres, 28% para homens); Fatores Político-Económicos (4% para respondentes femininas, 11% para os masculinos); Atividades (3% para mulheres, 6% para homens).

Quanto ao positividade/negativismo, nesta secção, homens deram um número idêntico de respostas positivas e negativas (30% cada, com 40% de não classificáveis), enquanto as mulheres deram 44% positivas e 34% negativas, uma vez mais, favorecendo as associações positivas com os conacionais de origem.

Alemanha

Os Fatores Político-Económicos são claramente os maiores representantes da Alemanha para os respondentes em geral, mas com uma diferença de intensidade: 50% para as respondentes femininas e 38% para os masculinos. A maior diferença ocorre na segunda principal categoria para cada grupo, no caso dos participantes femininos Emoções (21%), e no caso dos masculinos, Atributos e Características (32%), que é a terceira categoria mais frequente para as mulheres, juntamente com Clima (ambos com 11%), e Atividades como a menos significativa (7%). Enquanto que, para os homens, a terceira categoria é Emoções (13%), seguida de Atividades (11%) e Clima (6%).

Outra diferença pode ser assinalada quando se trata das associações de palavras positivas e negativas. As respondentes femininas deram 67% de respostas positivas e apenas 5% negativas, enquanto os respondentes masculinos deram um rácio semelhante de respostas positivas (62%), mas mais do dobro de negativas (13%).

Alemães

Respostas dadas relativamente a “Alemães” também variam entre respondentes femininos e masculinos. Neste caso, as respostas femininas foram esmagadoramente agrupadas na categoria “Atributos e características”, com 85%, que foi também a categoria mais frequente nas respostas masculinas, mas com um impacto menor, mas significativo (63%). Neste caso, os homens tiveram mais associações de palavras da categoria “Emoções” do que as mulheres, sendo a segunda categoria mais frequente do grupo, com 18%, enquanto as mulheres tiveram 6% de palavras nesta categoria, e Fatores Político-Económicos em segundo lugar, com 8%, seguidos de Atividades com 1%. Os participantes masculinos tiveram uma maior fatia de palavras relacionadas com Fatores Político-Económicos (14%), seguidas de Atividades com 5%.

Quanto a associações positivas/negativas, uma vez mais, relativamente a “Alemães”, os participantes masculinos parecem ter uma distribuição quase igual, mas com um maior grau de associações negativas, com 37% e 35%. Por outro lado, as mulheres, tiveram mais de metade (53%) de associações de palavras positivas e 34% negativas.

Origem e Residência

Agrupando as associações de palavras relativamente ao país de origem (Portugal/Portugueses) as respostas femininas são 28% positivas e 18% negativas (maioritariamente neutras ou inclassificáveis com 54%), e relativamente ao país de residência (Alemanha/Alemães) as respostas são extremamente positivas (59%) e 20% negativas (apenas 21% neutras).

Por outro lado, os homens deram respostas ligeiramente mais negativas (27%) do que positivas (24%) quando se trata do país de origem, e, tal como as respondentes femininas, tiveram muitas mais associações de palavras positivas (49%) do que negativas (24%) quando se trata do país de residência.

No total, cada categoria teve a seguinte distribuição entre participantes femininos e masculinos:

Emoções: 31% Femininos; 25% Masculinos
 Atributos e Características: 40% Femininos, 40% Masculinos
 Fatores Político-Económicos: 16% Femininos, 20% Masculinos
 Clima 6% Femininos, 3% Masculinos
 Atividades: 7% Femininos, 12% Masculinos

Afetividade Positiva / Instrumentalismo Negativo

A principal diferença entre respondentes femininos e masculinos parece ser:

1- As mulheres dão muito mais respostas positivas (43%) do que negativas (19%). Enquanto os homens, apesar de também privilegiarem as respostas positivas, registam uma diferença menos significativa: 36% positivas para 26% negativas.

1.1. A diferença ocorre principalmente em relação ao país de origem, caso em que os participantes masculinos tiveram mais associações negativas do que positivas.

2. Os homens dão ligeiramente mais importância aos Fatores Político-Econômicos do que as mulheres, especialmente quando se trata do país de origem. Enquanto as mulheres demonstram dar mais importância às Emoções do que os homens.

Género e Identidade Nacional

544 |

A análise exploratória de dados efetuada neste estudo permite o desenho de importantes orientações para o estudo das representações de identidades, especialmente, identidades nacionais. Os resultados parecem indicar que as normas de género moldam como a identidade nacional é representada e, como tal, o género deve ser tido em conta como um fator importante.

As respondentes femininas parecem dar mais importância às relações afetivas e representações positivas do que os respondentes masculinos. Contudo, tal como os respondentes imigrantes foram selecionados estrategicamente como estando “entre” identidades e, como tal, sendo capazes de contribuir com relatos e experiências mais ricas sobre estes processos, o mesmo pode ser feito relativamente à identidade de género. Neste conjunto de dados em particular, todos os respondentes se identificaram como cisgénero, mas seria de elevada importância académica e social explorar como respondentes que se identificam como transcendendo as normas de género – não-cisgénero ou não-binárias – responderiam às mesmas questões, de forma a revelar uma imagem mais nítida de como diferentes referentes identitários, e neste caso em particular, o género, modelam, alteram e influenciam processos de representação da identidade nacional.

As diferenças identificadas neste grupo em particular entre associações de palavras de respondentes femininos e masculinos, seja relativamente a categoria como tema ou carga positiva/negativa, parecem estar de acordo com a teoria sobre a adoção de preferências de género de acordo com os papéis e normas de género. Estudos adicionais deveriam ser feitos, de maior alcance e profundidade, de forma a explorar como e de acordo com que processos estas identificações ocorrem. A associação de palavras é uma boa ferramenta exploratória para detetar tendências e temas, mas deve ser acompanhada por subseqüentes recolhas de dados que possibilitem revelar a riqueza dos processos de identificação.

Referências

- Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press
- Butler, J. (2004). *Undoing Gender*. New York and London: Routledge.
- Butler, J. (September - December de 2009). Performativity, Precarity and Sexual Politics. *Revista de Antropología Iberoamericana*, 4, pp. i-xiii.
- Chalániová, D. (2014). Turn the Other Greek. How the Eurozone Crisis Changes the Media Image of Greeks and What Do Visual Representations of Greeks Tell us about European Identity? Em O. Gyarfasova, & K. Liebhart, *Constructing and Communicating EUrope* (pp. 19-51). LIT Verlag.
- Foucault, M., & Rabinow, P. (1984). *The Foucault Reader*. New York: Pantheon Books.
- Frow, J., & Morris, M. (2006). Estudos Culturais. Em N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln, *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens* (S. R. Netz, Trad., 2ª ed., pp. 315-343). Porto Alegre: Artmed.

- Goldenberg, M. (1997). *A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.
- Gupta, A., & Ferguson, J. (February de 1992). Beyond “Culture”: Space, Identity, and the Politics of Difference. *Cultural Anthropology*, 7, pp. 6-23.
- Hall, S. (1996). The Question of Cultural Identity. Em S. Hall, D. Held, D. Hubert, & K. Thompson, *Modernity: An Introduction to Modern Societies* (pp. 596-632). Oxford, UK; Malden, MA: Wiley-Blackwell.
- Macmillan, C. (2014). The Return of the Reich? A Gothic Tale of Germany and the Eurozone Crisis. *Journal of Contemporary European Studies*, 22, pp. 24-38.
- Stets, Jan E. & Burke, Peter J. (2000). Femininity/Masculinity. Em Edgar F. Borgatta and Rhonda J. V. Montgomery (Eds.), *Encyclopedia of Sociology*. New York: Macmillan. Consultado em: <http://wat2146.ucr.edu/Papers/00b.pdf>